

## **Velhice na sociedade pós-moderna<sup>1</sup>**

*Gilson Trindade dos Santos  
Priscila Pesqueira de Souza*

*Resumo:* Este artigo tem como finalidade investigar os modos específicos de envelhecimento no contexto cultural pós-moderno. Tendo em conta que cada indivíduo envelhece de modo absolutamente particular, podemos então afirmar que existem inúmeras maneiras de envelhecer e de viver a velhice. A sociedade atual de consumo cada vez mais exacerbada é pautada por uma cultura de valorização da imagem, o que dificulta o processo de envelhecimento. A velhice que, na maioria das vezes, é caracterizada com valores negativos torna-se uma das prerrogativas centrais destes tempos em que a ciência e a qualidade de vida corroboram para que o sujeito tenha cada vez mais uma existência mais longa. Logo, coloca-se neste cenário a idéia de temor frente ao envelhecer em decorrência da busca pela juventude ininterrupta. A proposta é tão somente refletir sobre a questão da velhice e as posições a serem tomadas para melhorar a condição dos idosos em nossa sociedade.

*Palavras-chave:* velhice, historicidade, psicologia, psicanálise.

### **Introdução**

O presente artigo traz uma reflexão sobre a velhice. Alcançar a velhice implica em ultrapassar inúmeros momentos e obstáculos que conduzem a um amadurecimento, diante dos fatos. Ignorar através de artifícios e superficialidades esse tempo demonstra como os sujeitos tendem a escamotear os aspectos da condição humana que, segundo os ideais de nossa sociedade pós-moderna - a beleza, o vigor físico, etc...- o desabonam.

A problemática do enfrentamento da velhice vem de longa data. Por séculos houve um negligenciamento médico do processo de envelhecimento. Apenas no século passado com o advento da Gerontologia, surgiu uma preocupação em organizar pesquisas que pensassem esse processo. No entanto, ainda hoje, inúmeras produções gerontológicas ainda enxergam a velhice como um assunto pouco prazeroso e sob um ponto de vista externo ao sujeito (PITANGA, 2006).

Como alterar essa situação? A resposta talvez seja entender a velhice como algo natural, inerente ao ser humano, processo no qual as transformações externas, que ocorrem especialmente no corpo físico, nem sempre são compreendidas. O espelho passa a refletir uma imagem que não se quer aceitar ou reconhecer como sua. Há uma dificuldade gigantesca em se perceber diferente com o passar do tempo (GUIMARÃES, 2007). Envelhecer

---

<sup>1</sup> Artigo baseado no trabalho final de graduação do curso de Psicologia da Faculdade Anhanguera Dourados - FAD.

constitui um dos processos mais complexos da vivência do indivíduo, pois há grandes barreiras que impedem o ser humano de ver, muitas vezes, além da aparência física valorizando suas experiências, o que poderia resultar numa epifania de autoreconhecimento, crescimento e empreendimentos pessoais significativos.

Em um mundo no qual os jovens desrespeitam a velhice, cotidianamente, torna-se complicado para o idoso ver-se como alguém que apenas desfruta das “provisões da tribo”, e nada a ela soma ou incorpora. Verifica-se um sentimento de culpa das pessoas por estarem envelhecendo, como um comportamento instintivo, pois a natureza ignora os seres que perdem a capacidade de se reproduzir. No reino animal o envelhecimento não existe, pois ou o ser não alcança etapa, ou por não deter mais a capacidade de reprodução morre, ou é morto. Transforma-se num risco para o grupo, pois a preocupação será apenas com a alimentação (GUIMARÃES, 2007).

Diante desse foco, buscamos responder às seguintes questões: Por que é tão difícil suportar o envelhecimento?

### **Velhice: da pré-história à contemporaneidade - breve resumo**

Como assinala Kamkhagi (2008), os instrumentos pré-históricos que fornecem informações acerca da posição social do velho são insuficientes, e muito do que hoje sabemos é fruto de deduções que a Antropologia realizou por intermédio de indícios físicos. Partindo de fatos clarificados por pesquisas etnográficas com comunidades tribais, nos séculos XIX e XX, deduziu-se que em inúmeros corpos sociais iletrados, cuja expectativa de vida beirava os 35 anos, os velhos desfrutavam de determinadas regalias em virtude de sua longa existência e hipotética sabedoria.

Apesar de o velho ainda ser visto como um indivíduo que possuía uma experiência capaz de fazer a diferença em certas atividades, ele deixava, gradativamente, de ser visto como um ser superior aos demais e capaz de armazenar toda a produção cultural de um determinado corpo social. Cabe ressaltar que estas são hipóteses, já que não há como afirmar uma homogeneidade entre todas as tribos primitivas que, como se sabe, tinham costumes muito diferentes (BEAUVOIR, 1990).

Com a agricultura e a criação de animais, desenvolveu-se a vida comunitária. Formaram-se tribos, isto é, conjuntos de grupos humanos ligados por laços de parentesco. Nesta comunidade, o trabalho dos homens assume uma maior importância, a sociedade se torna patriarcal. Os assuntos da comunidade são dirigidos por um chefe, um homem mais velho que possuía mais experiência e sabedoria (MARQUES, 1996).

As novas técnicas neolíticas, desde a agricultura de enxada à tecelagem, tornaram-se possíveis unicamente graças à acumulação de experiências e à aplicação de deduções dela resultantes. (...) O saber apropriado é

transmitido de pai para filhos, geração após geração.  
(CHILDE, 1985, p. 246)

O envelhecimento da mulher, para alguns grupos, implica numa maior liberdade e autonomia dentro da sociedade em que vive. Com o fim da menstruação e a entrada na menopausa a mulher não é mais vista como um ser que oferece “riscos” aos demais.

Ao mesmo tempo em que aos homens idosos são atribuídos dons de cura e sabedoria, a mulher idosa, que já não pode mais procriar, entra em outra categoria, também “privilegiada”. Ela não mais passa a transitar em um mundo que lhe era proibido. Nesse momento a sociedade lhe concede um lugar de valorização e utilidade. Em outros grupos a mulher velha fica no lugar da parteira, ou daquela que orienta as jovens nas questões da sexualidade, maternidade e educação.  
(KAMKHAGI, 2008 p. 24)

Nas sociedades pré-históricas antigas havia formas antagônicas de se enxergar o envelhecimento. Ou o idoso era tido como ser dotado de sapiência, ou era considerado um fardo aos demais, e essas duas visões às vezes coexistiam num mesmo cenário e se materializavam por meio de rituais e concepções, conforme as peculiaridades de cada comunidade.

As leis maiores do povo judeu pregavam uma obediência seguida de admiração aos que alcançavam essa fase da vida. No entanto, em documentos posteriores verificou-se que essa construção imagética do idoso sofre os primeiros sinais de enfraquecimento. Já no século X a. C a produção escrita relata os problemas físicos decorrentes do processo natural de envelhecimento.

Na cultura grego-romana verifica-se que apesar do grande poder decisório concentrado nas mãos dos velhos, manifesta-se continuamente o medo da decrepitude e o reconhecimento do modelo de beleza e vigor associado à juventude.

A sociedade contemporânea se caracteriza essencialmente por uma exaltação do narcisismo, balizada no culto ao corpo e na ênfase quanto à eficiência na realização de tarefas, na procura incessante pelo prazeroso e na satisfação imediata. A corpolatria – ou a cultura do corpo – é uma preocupação sem limites com questões estéticas, denotando uma idolatração pela imagem de si mesmo (PITANGA, 2006).

Entre outros atributos do mundo pós-moderno podemos destacar a implacável lógica do mercado de base capitalista, a influência da publicidade e da mídia e o consumismo desenfreado.

## O discurso psicanalítico acerca da velhice: algumas considerações

A expectativa de vida tem como suporte a longevidade média dos indivíduos pertencentes a um grupo. A longevidade seria a duração de vida de uma pessoa. Mas porque precisamos envelhecer? Esse questionamento traduz um receio latente não tanto relacionado à idade cronológica, mas sim do próprio envelhecimento biológico: diminuição da saúde e das prerrogativas físicas (PAPALIA, 2006).

A longevidade possui uma relação direta com o envelhecimento populacional. Ela é fruto da diminuição das taxas de mortalidade. Esse longo período de sobrevivência advém, principalmente, do encolhimento no número de mortes no primeiro ano de vida e na infância; redução de mortes na idade adulta inicial; o advento de novas técnicas medicinais para o tratamento de muitas doenças antes letais; uma população com maior índice de escolaridade e mais preocupada no que concerne à saúde. Nota-se também uma redução nas taxas de mortalidade de certas doenças - as cardíacas, o câncer e o derrame – principais responsáveis pela mortalidade em indivíduos com idade acima de 65 anos.

É importante que a diferença entre processo de envelhecimento e as perdas parciais, e naturais, das funções seja separada da ideia de doença, já que as duas partes possuem organizações distintas. Qualquer indivíduo está sujeito a doenças, mas com o envelhecimento o organismo deixa de produzir as substâncias necessárias para o bom funcionamento do corpo físico, o que pode aumentar o surgimento de doenças. Devido à baixa imunidade o sujeito fica mais vulnerável as doenças em geral, especialmente as nomeadas “doenças da velhice”, como: pressão alta, diabetes, entre outros. Entretanto, envelhecimento não é sinônimo de doença, e alcançar a velhice não implica, necessariamente, que o sujeito ficará doente.

Envelhecer é um processo que não pode ser evitado, é irreversível, um contínuo de transformações físicas, psicológicas e sociais que se situa no panorama da temporalidade. Em suma, é um processo que percorre toda a vida, desde o nascimento até a morte. Segundo Messy (1993) o envelhecimento e a velhice são termos distintos em significação. A mistura desses conceitos acaba por reforçar a visão de que somente os idosos envelhecem.

Freud (*apud* PITANGA, 2006) afirma que inconscientemente somos convencidos de nossa eternidade. No entanto, a velhice está associada à questão da historicidade, ou seja, nos faz refletir sobre o próprio envelhecimento. Messy (1993) coloca que envelhecimento não é a velhice, mas sim a vida, a mudança constante.

A velhice, porém, não é algo a ser pensado de maneira unicamente cronológica. Mais do que isso, ela se configura como um estado de espírito. Isso, evidentemente, não quer dizer que os problemas serão virtualmente

ignorados em comparação com os mais jovens. O que se sugere é que haja um exercício para reformular a presença do sujeito no mundo.

A velhice, assim como em outras etapas da existência, abarca um equilíbrio entre ganhos e perdas, equilíbrio que anda de mãos dadas com o contexto social e cultural, das situações genético-biológicas e psicológicas do indivíduo.

A palavra envelhecimento (“vieillessement” em francês) começa com a palavra vida (“vie”). Os significados são inseparáveis, salvo se congelarmos o tempo ou se viajarmos ao volante de uma máquina que nos permite retroceder nele, como nos convida a fazer a ficção científica, através dos escritos dos romancistas. (MESSY, 1993, p. 12)

O envelhecer não pode ser encarado de forma linear e unidimensional - que ignora as contradições nas condições de existência e que prega uma homogeneidade entre os indivíduos idosos. A busca da reflexão acaba por combater certos mitos em torno deste processo: a velhice como declínio e doença; velhice com sabedoria e saúde; velhice sem sexualidade; velhice com morte, entre tantos outros. Logo, conhecer a práxis desses indivíduos e suas representações é algo extremamente enriquecedor não só para a Psicologia como para a sociedade de uma maneira geral.

A Psicanálise disponibiliza uma gama de reflexões sobre a formação dos sujeitos e os posicionamentos destes com os jogos da vida. Ela se atenta para as mudanças que ocorrem na psique e como estas atingem o homem simbólico em seu contato com a cultura.

A psicanálise seria inviável a jovens e adultos considerados débeis ou incultos e também não teria êxito com os velhos, pois estes possuem acúmulo de material psíquico a ser elaborado, o que exigiria um longo trabalho de análise. Entre os postulados da teoria freudiana encontramos o que ele chama de adesividade da libido, isto é, a dificuldade em desligar investimentos libidinais de um determinado objeto e deslocá-los para outro, processo este fundamental para o trabalho de elaboração das perdas. (VIEIRA, 2009, p. 18)

Em um dos seus textos de 1915, *Sobre a transitoriedade*, Freud chega a dizer que a velhice pode ser libertadora para o sujeito na medida em que abre a possibilidade de não deixar a vida para depois. Em outras palavras: estando inevitavelmente mais perto da morte, a pessoa não tem mais tempo para adiar a felicidade, deixar para realizar seus sonhos depois. Por isso, se em alguns textos Freud demonstra uma visão negativa da velhice, nos textos posteriores a 1915, Freud considera o envelhecimento uma possibilidade de cumprir o dever de todo ser humano: tornar a vida mais suportável (Freud, 1915).

A obra de Messy - *A pessoa idosa não existe* - tem como base a metáfora de Beauvoir (1990) - "O velho é o outro". O autor afirma que há uma dificuldade latente em nos reconhecermos na imagem que enxergamos e, dessa maneira, acabamos por ver a velhice por meio da imagem do outro. A velhice é situada para além da distância na qual se consegue ver, tocar ou atingir algo, apesar dos vestígios que o passar dos anos nos legou.

Podemos destacar uma ideia compartilhada pela maioria das pessoas: o velho é sempre o outro, em que não nos reconheceremos. A imagem da velhice parece uma imagem "fora", no espelho, imagem que nos apanha quando é antecipada e produz a impressão de inquietante estranheza [...] quando o apavorante se liga ao familiar. É o que acontece com a imagem consciente de nós próprios. (MESSY, 1993, p. 10)

O envelhecimento, como já afirmamos, é um processo incontornável ligada à temporalidade. Tem seu início com o nascimento e acaba na morte do indivíduo. Envelhecimento prende-se à concepção de vida, já que envelhecemos "conforme vivemos" (tempo presente) e não como "tivermos vivido" (tempo passado).

A civilização moderna não espera, esgota-se no ato, de tal modo que o termo envelhecimento, aplicado ao indivíduo, conservou tão somente seu despojo pejorativo, sinônimo de perda. Ao passo que em outras sociedades, como aquelas que têm acumulação progressiva da personalidade, o envelhecimento é pensado antes do mais, em termos de aquisição e progresso. (MESSY, 1993, p. 13)

A noção de envelhecimento no adulto é quase sempre associada à noção de perda o que a liga imediatamente ao conceito de castração. A castração e a morte estão muito próximas, uma constituindo a causa da outra. Tudo isso pode fazer com que o envelhecimento seja descrito como corrosivo que conduz ao término da vida, ligado à perda. Devido a esta colocação, é confundido de vez em quando, e incorretamente, com a concepção de velhice.

Messy (1993) dá ao termo velhice um significado muito diferente daquela que usualmente conhecemos. Frequentemente entende-se a velhice como um registro social. A "pessoa idosa" é definida de acordo com um estatuto político, econômico. A aposentadoria frisa sua ocorrência, assim como a maturidade faz do adolescente um adulto por meio do voto. Marcação autoritária, que nem sempre convém ao conjunto dos interessados.

De acordo com Messy (1993) a demência pode acontecer exatamente no momento em que o sujeito entra na velhice, o seu eu se apaga, ele desiste de

viver, ou seja, pessoa desiste de sonhar e ter desejos. Fato que pode acontecer de uma hora para outra ou nunca acontecer. Por isso existem pessoas que vão morrer aos cem anos sem chegar à velhice, e existem aqueles que vão morrer velhos aos 50. A demência se perfila cada vez mais no horizonte e pode romper o envelhecimento, sob o nome de doença de Alzheimer. Sobre este assunto afirma o autor:

Ela confunde todos os tipos de demência, pré-senis e senis, num só, com o risco adicional de passar ao largo de uma pseudo-demência ou de uma lesão cerebral localizada. É verdade que a neuropsiquiatria se propôs primeiro a diferenciar a doença de Alzheimer, demência pré-senil, das demências senis, com a designação de “demência senil do tipo Alzheimer”. Depois se tornou “doença do tipo Alzheimer”, para enfim reunir o conjunto todo sob o mesmo vocábulo reducionista de “doença de Alzheimer”. (MESSY, 1993, p. 81).

A terminologia demência tem sua origem na palavra latina *dementia* significando a loucura de uma maneira geral. É diferente da palavra *amentia* que significa alienação do espírito. A concepção de demência sofreu várias alterações ao longo dos séculos.

O termo, propriamente dito, desapareceu da terminologia médica para persistir, e é interessante sublinhar, no célebre artigo 64 do Código Penal de 1810 (Código francês): “Não há crime, nem delito quando o réu estiver em estado de demência no momento da ação”. (MESSY, 1993, p. 82).

Na Idade Média, os considerados loucos eram mostrados em praça pública como “monstros”. No século XVIII, profissionais da psiquiatria e da historiografia passam a se opor às prisões, lado a lado, de alienados e criminosos, pois acreditavam que desta maneira protegiam estes últimos da loucura. No século seguinte, o surgimento de asilos e outras maneiras de se realizar tratamentos acabam por substituir progressivamente as punições físicas. Neste período também, a palavra demência passa a ser usada para designar algumas patologias de procedência orgânica diferente das psicoses.

Devido a várias citações feitas no decorrer do texto é relevante definirmos psicose: - é um estado anormal do funcionamento psíquico, começa a partir do ponto em que o paciente relaciona-se com objetos e coisas que não existem no nosso mundo. Há uma mudança repentina em seus planos, suas ideias, suas convicções, seu comportamento por causa de ideias absurdas, incompreensíveis, ao mesmo tempo em que a realidade clara e patente significa pouco ou nada para o paciente. O psicótico vive num mundo onde a realidade é outra, inatingível por nós ou mesmo por outros psicóticos, mas vive simultaneamente neste mundo real.

## Considerações finais

O velho não se distancia por vontade própria dos grupos sociais em que atua, não se isola por apreciar sentimentos como solidão e sofrimento, e chega a este estado por ser “empurrado” para ele. Instalado no seio das comunidades, o sujeito idoso pode se encontrar no estado que, geralmente, chamamos de tranquilidade, mas que para muitos, e também para os mais jovens, é tida e sentida como fase de “inutilidade”.

A velhice é algo preocupante e sempre despertou profunda atenção especialmente dos próprios idosos, e dos que o rodeiam, visto que é considerada, de modo geral, uma etapa vivida com tristeza. Existem os que afirmam que a dor da velhice só se iguala com a solidão. Entretanto, não se podem fazer generalizações de modo indiscriminado e trágico enxergando como fatalismo sem contornos, e sem nenhum embasamento construtivo, o problema do ser velho.

Para Messy (1993), o envelhecimento é um processo que se instaura a partir do momento em que a pessoa nasce. Isso porque, para o autor, o envelhecimento poderia ser resumido como o inter jogo entre as perdas e aquisições existentes durante toda a vida dos sujeitos. Desse modo, não se exclui do processo de envelhecimento nem crianças, nem adolescentes, nem jovens e tampouco os idosos. Todo processo de perda precisa ser seguido por um processo de elaboração, já que toda perda remete ao complexo de castração. Já a velhice é um estado que pode ou não ocorrer, e está ligada a elaboração das perdas. Sem ela o indivíduo sucumbe a uma situação de desistência da vida, e que pode levar a demência. Sendo assim, já que não é possível evitar o processo de envelhecimento, é possível sim evitar a velhice tal qual o autor supracitado a define.

Com a lenta, mas progressiva, substituição da população jovem pelos mais velhos, e conforme a expansão do desenvolvimento econômico e social aos países emergentes, verificamos que fazemos parte de um fenômeno que já é realidade em todo o mundo. De qualquer maneira, pesquisas acerca do problema do envelhecimento nos próximos anos serão mais amplas e profundas do que as que hoje dispomos. Cabe a nós nesse trabalho disseminar a noção de respeito, solidariedade e compreensão para com os idosos, ou seja, a velhice não pode mais ser encarada como uma trajetória rumo à morte e sim como um percurso de vida ainda significativo e pleno de projetos, e concretizações a serem consubstanciadas de modo integrado aos objetivos da sociedade.

## Referências

- BEAUVOIR, S. *A velhice*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.  
CHILDE, G. “O homem faz a si próprio”. In: NEVES, P. A. *Nova História*. Porto: Porto Editora, 1985.

- FREUD, S. (1916[1915]). *Sobre a transitoriedade*. In: Obras Completas. Direção de tradução de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1970, v. 14.
- \_\_\_\_\_. (1915). *Considerações atuais sobre a guerra e a morte*. In: Obras Completas. Direção de tradução de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1970, v. 14.
- \_\_\_\_\_. (1920). *Além do Princípio do Prazer*. In: Obras Completas. Direção de tradução de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1970, v. 18.
- \_\_\_\_\_. (1923). *O Ego e o Id*. In: Obras Completas. Direção de tradução de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1970, v. 19.
- GUIMARÃES, E. C. “Reflexão sobre a velhice”. *CES Revista*, Juiz de Fora, v. 21, p. 11 – 23, 2007.
- HOUAISS, A. *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2004.
- KAMKHAGI, D. *Psicanálise e Velhice: sobre a clínica do envelhecer*. São Paulo: Via Lettera, 2008.
- MARQUES, A et. al. *História – os caminhos do homem*. São Paulo: LÊ, 1996.
- MESSY, J. *A pessoa idosa não existe – uma abordagem psicanalítica da velhice*. São Paulo: ALEPH, 1993.
- PAPALIA, D. E; OLDS, S. W; FELDMAN, R. D. *Desenvolvimento humano*. 8ª ed. Porto Alegre: Artmed, 2006.
- PITANGA, D. A. (2006). *A velhice na cultura contemporânea*. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica) Universidade Católica de Pernambuco – Orientador: Zeferino de Jesus Barbosa Rocha.
- SCHIRRMACHER, F. “A ditadura dos jovens”. *Revista Veja*. Vol. 1867, n. 7, p. 11 – 15, São Paulo - ago. 2004.
- VIEIRA, M. G. O. *Velhice e espiritualidade: reflexões sobre as transformações do envelhecer*. 2009. 104f. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica e Cultural) – Universidade de Brasília, Brasília, 2009.

---

**Gilson Trindade dos Santos** - Bacharel no curso Psicologia da Faculdade Anhanguera Dourados - FAD. E-mail: [gilson.psy.tcc@hotmail.com](mailto:gilson.psy.tcc@hotmail.com).

**Pricila Pesqueira de Souza** - Psicóloga, mestre em psicologia pela Universidade Estadual de Maringá.